Módulo de Estimulação Precoce

UNIDADE 1:
INTRODUÇÃO

A importância da estimulação precoce



JAQUELINE PONTES
Fisioterapeuta



NÍVIA MARIA RODRIGUES ARRAIS
Neonatologista



THEOHARIS SFAKIANAKIS
Médico Geneticista

O programa de estimulação precoce

O programa de estimulação precoce é um programa de acompanhamento clínico de intervenção terapêutica multiprofissional. O público-alvo são os bebês de alto risco, as crianças que foram comprometidas por uma série de condições que resultaram no atraso do desenvolvimento neuromotor delas. E o objetivo geral dessa estimulação é fazer com que o paciente comprometido pelo atraso consiga atingir o máximo do potencial do desenvolvimento neurológico dele, que a sua natureza lhe permite alcançar, mesmo que esse potencial não seja exatamente o de uma criança que não possui atraso. Quanto ao objetivo específico, é reduzir o comprometimento neurológico adquirido, melhorar as habilidades motoras, a aquisição da linguagem, a socialização, além de contribuir com a estrutura do vínculo entre a mãe, a criança, com a aceitação dos familiares para com essa criança.

Deve-se observar a idade de início que essa estimulação deve ser realizada, que deve englobar desde o nascimento até os três anos de idade, porque essa é a fase em que o cérebro começa a se desenvolver mais rapidamente. Isso acaba fazendo com que as oportunidades do estabelecimento das fundações que vão repercutir na vida inteira dessa criança sejam melhoradas.

Assim, quando a estimulação precoce é iniciada desde os primeiros meses de vida, nós garantimos uma melhor qualidade de vida para ela e uma maior chance para que ela adquira os marcos do desenvolvimento neuropsicomotor que porventura ela tenha perdido.

A importância da estimulação precoce

A estimulação precoce deve levar em consideração todos os aspectos do bebê, visto que ele não é somente um sistema digestivo, mas interage com o meio por reações tônicas, pelo aporte sensorial, da comunicação e da linguagem. Assim, não é possível avaliar o desenvolvimento infantil sem perceber todos esses aspectos: tanto os ambientais quanto os biológicos.

Os aspectos biológicos são já determinados como por exemplo a criança que nasce com erro inato de metabolismo (má formação congênita). Já os aspectos ambientais são aqueles que dizem respeito à condição social da criança, pois às vezes elas estão expostas a condições de violência ou a mãe não possui boa saúde mental, por exemplo. Estes são aspectos externos, mas que envolvem e repercutem no desenvolvimento da criança. Essas alterações devem ser sequenciadas e observadas pelo profissional. Por isso, é importante ouvir sempre a família, demais profissionais e pessoas que estão no convívio da criança para que se possa analisar os riscos ao seu desenvolvimento.

Nesse processo, o diagnóstico precoce em desvios de desenvolvimento é de fundamental importância para que as intervenções aconteçam o mais rapidamente possível. Deve ser iniciado no momento do nascimento até o terceiro ano de vida, período conhecido como "janelas de oportunidades". Nessa ocasião, a criança desenvolve diversas habilidades que devem ser iniciadas com a própria mãe, ou seja, no período de acolhimento da família e, posteriormente, junto aos cuidadores e profissionais de saúde.

O Ministério da Saúde estabelece, desde 2005, um manual de atenção a doenças prevalentes na infância. A partir disso, os profissionais de saúde devem observar alguns aspectos no cuidado à criança, quais sejam: acompanhar o desenvolvimento, predizer os riscos dentre as crianças normais e cuidar daquelas que já estão em risco.

Esse acompanhamento deve ser realizado por avaliação multiprofissional e diagnóstica em protocolos, com controle e tratamento de alterações encontradas por uma equipe multi e interdisciplinar e a importância da atenção primária a saúde, que garante o acesso universal às famílias quanto aos cuidados essenciais em saúde. É na UBS (Unidade Básica de Saúde) onde são dadas as primeiras orientações à saúde da criança, um trabalho direcionado aos médicos e enfermeiros. Por isso é tão importante que todos os profissionais de saúde entendam dos cuidados básicos que devem ser dados às crianças. É preciso orientar aos pais para que saibam como seu filho irá evoluir. Nos casos de microcefalia, assim como para as demais crianças, há um acompanhamento desse desenvolvimento, da medição do perímetro cefálico, das imunizações necessárias e alterações que estabelecem a possiblidade de risco que irão necessitar de um acompanhamento especializado.

Os profissionais da atenção básica precisam saber identificar os casos em que seja necessário referenciar para as equipes de atenção especializada. Para que ambas equipes cuidem desta criança de forma concomitante e articulada.

Assim, são estabelecidos alguns critérios na estimulação precoce. A criança precisa sentir-se no espaço, por isso as primeiras estimulações são as tátil-propriocpetivas para perceber quando a criança está reagindo ao ambiente. Então, o primeiro ponto observado na criança ao nascer é se ela possui sensibilidade, uma resposta reflexa condizente com a sua faixa etária. A partir daí serão estabelecidos marcos para cada idade. Um bebê de 4 meses no desenvolvimento típico apresenta um controle cervical, reflexos presentes e uma movimentação espontânea condizente com a sua idade.

É sempre muito importante reforçar por meio dos exercícios ativos assistivos aquilo que nós queremos que a criança assimile. Então, os padrões de rolar, sentar, equilibra-se para conseguir caminhar independentemente e manusear objetos vão tornando possível que a criança perceba a si mesma no seu meio participando e interagindo com ele mostrando a sua inteligência prática.

Nos casos de microcefalia, é importante observarmos três aspectos: cognitivos, motores e afetivos. A relação com a família é avaliada por protocolos próprios de avaliação. É fundamental sempre sistematizar a avaliação registrando periodicamente o avanço ou não da criança tendo-se em vista os marcos do desenvolvimento.



Figura 1 - Criança brincando.